



O MASSACRE DO CARANDIRU NA CANÇÃO DIÁRIO DE UM DETENTO DE RACIONAIS MC'S (1992-1997)

THE CARANDIRU MASSACRE IN THE SONG DIÁRIO DE UM DETENTO BY RACIONAIS MC'S (1992-1997)

Maria Júlia Hunzicker Amaral Porfírio da Silva¹

Resumo

Este estudo busca uma reflexão sobre a memória da Casa de Detenção de São Paulo. Realizou-se uma breve explanação sobre o surgimento da Penitenciária do Estado que deu origem à Casa de Detenção e discutiu-se alguns conceitos necessários para a compreensão do tema. Sua relevância está na proposta de divulgar a memória carcerária, as discussões públicas através de movimentos sociais que ganham uma dimensão mais ampla no Carandiru, como é possível observar nos debates a respeito das condições de encarceramento do sistema penal e prisional brasileiro e no uso da violência por parte do Estado. Demonstrou-se a importância de analisar a canção Diário de um Detento para o estudo de um evento histórico. Neste caso, o cotidiano dos detentos e o meio social da época, a partir de uma canção do álbum Sobrevivendo no Inferno, de 1997, do grupo Racionais MC's, escrita por Jocenir, recluso na Casa de Detenção posterior ao Massacre e autor da obra que narrou o episódio conhecido como o Massacre do Carandiru. Por meio de seu testemunho, Mano Brown, do grupo musical Racionais MC's, propôs uma complexa parceria entre a música e o livro que viria a publicar em 2016, com a finalidade de denunciar a realidade por vezes silenciada do que aconteceu, colocando-se como crítico e resistente ao ocorrido.

Palavras-chave: Carandiru, Memória, São Paulo, Racionais MC 's.

Abstract

This study seeks a reflection on the memory of the House of Detention in São Paulo. A brief explanation was given about the emergence of the State Penitentiary that gave rise to the House of Detention and some concepts necessary for understanding the subject were discussed. Its relevance lies in the proposal to disseminate the prison memory, the public discussions through social movements that gain a broader dimension in Carandiru, as it is possible to observe in the debates regarding the conditions of incarceration of the Brazilian penal and prison system and in the use of violence by the State. The importance of analyzing the song Diário de um Detento for the study of a historical event was

¹ Graduanda do 4º ano de curso de História pelo UNISAGRADO, Bauru-SP. Artigo realizado para as disciplinas de História Contemporânea e Metodologia de Pesquisa em História, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Lourdes M. C. Feitosa e do Prof^º Dr^º Roger M. M. Gomes.



demonstrated. In this case, the daily life of the detainees and the social environment at the time, based on a song from the 1997 album *Sobrevivendo ao Inferno*, by the group Racionais MC's, written by Jocenir, an inmate in the House of Detention after the Massacre and author of the work that narrated the episode known as the Carandiru Massacre. Through his testimony, Mano Brown, from the musical group Racionais MC's, proposed a complex partnership between music and the book that he would later publish in 2016, with the aim of denouncing the sometimes silenced reality of what happened, placing himself as critical and resistant to what happened.

Keyword: Carandiru, Memory, São Paulo, Racionais MC 's.

INTRODUÇÃO

O sistema prisional enfrenta vários problemas estruturais, como a lotação das celas, a insalubridade e proliferação de doenças. Pretende-se refletir a memória carcerária, os vestígios deixados pela prisão, as condições de encarceramento e violência pelo Estado, principalmente quando se trata da Casa de Detenção de São Paulo. Segundo a perspectiva documental, é possível analisar e conhecer sua origem, os motivos da sua existência, assim como a sociedade da época, a política presente no estado e no país. O Complexo do Carandiru surgiu da junção da Penitenciária do Estado (1920) e da Casa de Detenção (1965).

O estudo das discussões que cercam a memória e os acontecimentos da Casa de Detenção de São Paulo demonstrou-se a importância de analisar a música com um evento histórico, o cotidiano dos detentos e o meio social presente. A memória ligada ao sistema carcerário nos faz refletir como não deixar cair no esquecimento um fato histórico e como a canção tem contribuído para fomentar o debate a respeito do passado carcerário? Cujas consequências seguem reverberando no presente. Há uma inegável discrepância entre nossa realidade prisional e o que é preconizado em nossa legislação.

O objetivo é realizar uma breve explanação sobre o surgimento da Penitenciária do Estado que deu origem a Casa de Detenção e exemplificar alguns conceitos, para que o leitor possa compreender o tema com maior precisão o episódio conhecido como o Massacre do Carandiru. A partir de 2 de outubro de 1992, a Casa de Detenção virou, aos olhos da opinião pública e da sociedade civil, o maior símbolo da falência do sistema penitenciário brasileiro.



Buscou-se conhecer a memória carcerária, as discussões públicas através de movimentos sociais que ganham uma dimensão mais ampla. No Carandiru é possível ver debates a respeito das condições de encarceramento, o sistema penal e prisional sobre o uso da violência do Estado, isso será realizado por meio da análise da música Diário de um Detento de Racionais MC 's, como é uma rotina de um detentor do Estado, como ele é visto pela sociedade segundo a música, a política paulistana, o meio social e a insalubridade do cárcere.

Segundo Varella (1999), a Detenção tinha mais gente do que muita cidade. São mais de 7 mil homens, o dobro ou o triplo do número previsto nos anos 50, quando foram construídos os primeiros pavilhões. Nas piores fases, o presídio chegou a conter 9 mil pessoas. Para entender a obra Estação Carandiru, partirei identificando os pavilhões, a relação da experiência pessoal do médico que permitiu manter a profissionalização com os presos e funcionários.

Para Borges (2018), a ligação da memória pública prisional situa o caso brasileiro dentre o que é escolhido para ser lembrado e a produção do esquecimento.

Diante disso, a análise será a canção Diário de um Detento de Racionais MC 's como parte do processo de construção do perfil carcerário. O estudo terá caráter essencialmente na observação do elemento musical.

Para Garcia (2004), a violência que estrutura a sociedade brasileira é o tema fundamental do Racionais MC 's. Seus *raps* são as narrativas construídas a partir do ponto de vista periférico.

1 - SISTEMA CARCERÁRIO BRASILEIRO

O modelo penitenciário brasileiro, que teve como base conceitos oriundos do sistema prisional como o dos Estados Unidos, França e Inglaterra, apresenta uma estrutura arcaica. A medida eficaz para a punição da criminalidade, apenas busca romantizar o encarceramento em massa de uma população que é majoritariamente negra e periférica (PITANGA, 2019, p.01).

Para José D'Assunção Barros (2017) a ideia de descontinuidade de Foucault se baseou nas contribuições de Friedrich Nietzsche, a fim de estabelecer a perspectiva como



base das relações de poder. Para Barros: “No posicionamento de Foucault a ideia de que a tarefa mais legítima para os historiadores seria de examinar exaustivamente a construção ou imposição de sentidos na História, pois estes estão sempre ligados a sistemas de poderes. (BARROS, 2017, p.271).

A crise no sistema prisional é um problema persistente na sociedade brasileira, as péssimas condições das penitenciárias, o aumento crescente dos números de presos o que gera violência excessiva nas celas e obriga os detentos a viver em condições insalubres.

A memória ligada ao sistema carcerário nos faz refletir como não deixar cair no esquecimento um fato histórico e como a canção tem contribuído para fomentar o debate a respeito do passado carcerário?

2 - PENITENCIÁRIA DO ESTADO

Em 21 de Abril de 1920 é inaugurada a Penitenciária do Estado, em cujo terreno se situa um trecho do Córrego Carajás. O Córrego Carajás cruzava a histórica Fazenda Santana, propriedade originária da colonização brasileira que deu origem à maioria dos bairros da zona nordeste paulistana. No bairro do Carandiru, região norte da capital paulista, foi construído um presídio moderno, mas não foi barato, apesar de seu custo ter sido orçado em 7.000 contos réis, valores considerados à época bastante altos para a construção de um presídio, geralmente orçados em 1.000 contos. O custo total atingiu 14.000 contos de réis, extremamente extravagantes na época, com o modelo pronto, poucas foram as críticas ao custo final. O motivo de seu desenvolvimento foi a economia e o modo de produção cafeeira que trazia novos moradores para a cidade de São Paulo e junto com eles a ocupação da urbanização da capital paulista, sendo a bacia do Córrego Carajás substituídos por grandes edifícios. Diante disso, com a expansão urbanística e com o crescimento urbano, a Penitenciária do Estado sofreu algumas mudanças significativas influenciadas pelo desenvolvimento político e social da cidade.



Esta denominação foi dada pelo interventor federal Ademar Pereira de Barros que em 5 de dezembro de 1938, pelo Decreto Estadual 9.789², extinguiu a Cadeia Pública e o Presídio Político da Capital. Este decreto previa a separação de réus primários de presos reincidentes e separação pela natureza do delito. Seria construída então a Casa de Detenção de São Paulo para dar suporte à Penitenciária do Estado, a intenção deveria propiciar condições de vidas mais humanas aos presos que ainda não haviam sido julgados.

2.1 - CASA DE DETENÇÃO

Para compreender como São Paulo construiu um dos maiores presídios da América Latina é preciso conhecer o contexto do sistema prisional paulista do começo do século XX. No ano de 1905, o governador do estado de São Paulo, Jorge Tibiriçá Piratininga (PRP), autorizou a construção de uma nova Casa de Detenção. Anos depois, no dia 13 de maio de 1911, Manuel Joaquim Albuquerque Lins, lançou a pedra fundamental do que era chamado “presídio-modelo³”. A intenção era separar réus primários de presos reincidentes e segregar os condenados de acordo com a natureza do delito. A construção da Casa de Detenção de São Paulo foi para resolver a superlotação nos anos 1950, em 1956 o governador de São Paulo, Jânio Quadros elevou sua capacidade para 3.250 detentos. Os Pavilhões foram erguidos no bairro até então ocupado por apenas sítios e chácaras.

Em 1989, Dráuzio Varella realizou a trajetória como médico voluntário na Casa de Detenção de São Paulo. Sua carreira literária perpassa por algumas obras como Carcereiros (2012) e Prisioneiras (2017). Em sua obra Estação Carandiru (1999), Dráuzio conversou com o responsável pelo departamento médico do sistema prisional, Manoel Schechtman e se ofereceu para tratar de assuntos como a AIDS, tuberculose e o crack.

Segundo Varella (1999), a Detenção já chegou a abrigar mais de 7 mil presos, sendo considerado na época o maior presídio da América Latina. Os pavilhões são prédios cinzentos de cinco andares (contando com o primeiro), quadrados, com um pátio interno,

² Anexo 1

³ Anexo 2.



central, e a área externa com a quadra e o campinho de futebol. As características dos pavilhões seriam muito similares, eles possuíam diferenças em relação à população que habitava.

O Pavilhão 2, lugar onde iam os detentos recém-chegados à Casa de Detenção. Havia uma passagem por esse pavilhão, para que eles fossem registrados, fotografados, recebessem corte de cabelo característico, calça bege (a única permitida) e encaminhados para os outros pavilhões. Eram introduzidas as primeiras regras da detenção.

O Pavilhão 4, o mais “desejado” por não ser o mais populoso e conter celas individuais, contia área médica, no térreo ficavam os presos tuberculosos, no segundo andar, os doentes mentais e no quinto, a enfermaria. No térreo existe uma ala conhecida como “masmorra”, celas apertadas, úmidas e escuras onde ficavam os jurados de morte por outros detentos.

O Pavilhão 5, o pior estado de conservação, ao lado oposto ao quatro, fiação elétrica por fora das paredes, infiltrações, lâmpadas queimadas, era considerado o pavilhão mais lotado da cadeia, moraram ali 1.600 homens, o triplo do que o bom senso recomendaria.

O Pavilhão 6, tinha cerca de 300 presos, no térreo funcionava a Cozinha Geral até 1995, quando ela foi desativada e a Casa passou a receber a comida dos presos em quentinhas.

O Pavilhão 7 ficava na Divinéia, ali era o andar da Faxina, o Sete foi construído para ser um pavilhão de trabalho e assim permaneceu. A ocupação, as práticas esportivas e a relativa ausência de superlotação, são responsáveis pela fama de calmo atribuída ao pavilhão.

O Pavilhão 8, considerado o “problemático do fundão”, moraram cerca de 1.700 presos, no térreo, além das seções burocráticas, funcionavam uma capela católica, os templos da Assembleia de Deus, a Igreja Universal, a Deus é Amor e o Centro de Umbanda. No Oito havia uma quadra esportiva e o maior campo de futebol da cadeia. Já o Pavilhão 9, para Varela:

O Pavilhão 9, a ter mais de 2.000 presos, a maioria condenados pela primeira vez. Na reforma do pavilhão depois do Massacre de 1992, os beliches de madeira varados de bala foram substituídos por lajes de



concreto. Quem não tinha condições financeiras para comprar um ⁴⁰ xadrez inteiro pode adquirir apenas o direito de “exclusividade da pedra” ou cama.” (VARELLA, 1999, p. 34).

O Pavilhão 9, por sua vez, era onde ficavam os réus primários (presos pela primeira vez). Foi justamente lá que ocorreu o estopim do Massacre que tomou proporções enormes, se espalhando por todo o Pavilhão 9 e gerando uma rebelião dos detentos.

3.0 – MANO BROWN E JOSEMIR PRADO

O respeito mútuo da amizade de Josemir e Mano Brown se desencadeou depois que eles se conheceram em uma partida de futebol no pavilhão dois (JOCENIR, 2016, p. 99) na Casa de Detenção. E com pseudônimo, dado sem querer por Brown que escreveu o nome de maneira errada, ficou conhecido por Jocenir. Ainda em cárcere, Jocenir recebeu uma carta de seu colega Erik de outro presídio que contaria o sucesso da canção nas rádios, nas periferias.

Segundo Jocenir (2016), no final de 1994, ele foi preso em meio a uma situação obscura e confusa. Em sua obra *Diário de um Detento*: o livro, é relatado o cotidiano de um detento, na Casa de Detenção tudo se sabe, nada se esconde. Criminosos de todos os tipos, conceituados entre a malandragem, são os que detêm poder no maior presídio da América Latina. Certo dia, na sua passagem pela Casa de Detenção de São Paulo, recebeu a informação de que um rapaz queria conhecer seus cadernos, Jocenir escrevia prosas e versos. O rapaz em questão era Mano Brown, líder do grupo de rap Racionais MC 's, que transformou alguns versos de Jocenir na música “Diário de um detento” e naquele momento escrevia um capítulo memorável na história do rap nacional.

No Brasil, o Hip Hop chegou nos inícios da década de 1980, através do break (dança), trazido por agentes sociais pertencentes às camadas sociais mais ricas da

⁴ Desta acepção de xadrez se chegou, por metonímia, à prisão ou cela da prisão. Não é por acaso que se diz de um preso que vê o sol aos quadradinhos. A origem do uso de xadrez como sinônimo de prisão. CiberDúvidas da Língua Portuguesa. da Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-do-uso-de-xadrez-como-sinonimo-de-prisao/24910>

sociedade. Alguns brasileiros que viajavam para o exterior ao retornarem para o Brasil introduziram o break nas danceterias dos chamados bairros nobres de São Paulo.

O Grupo Racionais MC 's, sob a influência do produtor musical Milton Salles, admitia que a música é uma arma e está em todos os lugares. Se ela tem esse poder de mover esse sistema, ela tem também o poder de elucidar.

Racionais MC 's foi criado na periferia da capital paulista no ano de 1988. Nesse mesmo ano, lançou a coletânea “Consciência Black Vol. 1”, quando surgiram os primeiros sucessos do grupo com as músicas “Pânico na Zona Sul” e “Tempos Difícies”. Formado por Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edy Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões) em suas músicas, o grupo Racionais denunciavam o racismo e a miséria encontrada na periferia da cidade. As letras do grupo têm como objetivo mostrar a desigualdade social brasileira, abordando diversos temas como crime e injustiças.⁵

Em 1997, o grupo lançou o disco “Sobrevivendo no Inferno”, pela gravadora Cosa Nostra (do próprio grupo). O álbum é composto por 12 canções: 1. Jorge da Capadócia; 2. Gênese (intro); 3. Capítulo 4, versículo 3; 4. Tô ouvindo alguém me chamar; 5. Rapaz comum; 6. ...; 7. Diário de um detento; 8. Periferia é periferia (em qualquer lugar); 9. Qual mentira vou acreditar; 10. Mágico de Oz; 11. Fórmula Mágica da paz e 12. Salve.

Segundo Racionais MC 's (2018) o CD Sobrevivendo no inferno, de 1997, passou a ser referência do trabalho do grupo. Nos anos 1990, a imagem mais bem-acabada de uma sociedade que se tornou humanamente inviável, e uma tentativa radical, esteticamente brilhante, de sobreviver a ela.

Em novembro de 1998, Josemir ganhou a liberdade e pôde assistir ao vivo o show do Racionais MC 's na Quadra da Escola de Samba Rosas de Ouro. Quando anunciaram a música Diário de um Detento, Mano Brown pediu que ele subisse no palco, apresentando ao público, homenageado, recebeu muitos aplausos. A parceria do Mano Brown, vocalista do Racionais Mc 'e Jocenir era bastante complexa, já que Jocenir nunca foi integrante do Racionais MC' e nem mesmo Rapper, apenas um preso no Carandiru na época da canção. Ele, portanto, escreve a partir de sua vivência, conhecia a realidade do

⁵ Para saber mais: Biografia de Racionais MC 's. Disponível em:
https://www.pensador.com/autor/racionais_mc_s/biografia/

presídio, que é tematizada na canção. Jocenir foi preso em 1994. Ou seja, dois anos após o Massacre. Portanto, também não foi um sobrevivente desse episódio específico.

3.1 - O MASSACRE DO CARANDIRU NA CANÇÃO DIÁRIO DE UM DETENTO

A canção Diário de um Detento, do Racionais MC's, faz parte do disco Sobrevivendo no inferno, de 1997. Foi uma das primeiras produções, não apenas como no campo artístico e literário, mais geral, que abordou o Massacre do Carandiru. E isso aconteceu aproximadamente cinco anos após o ocorrido. A partir do episódio de violência são criadas produções literárias com teor testemunhal que buscam contar a realidade por vezes silenciada do que aconteceu, colocando-se como uma forma de resistência.

A canção foi constituída na forma de um diário, baseada em relatos de detentos que estiveram presentes no episódio ocorrido, relata três dias na vida de um preso. Para Walter Garcia da Silveira Júnior, abre-se o diário na véspera do fato histórico. Por que não no próprio dia? Se fosse um filme, não teríamos dúvida: seriam contados os eventos que levaram à catástrofe e cada cena a antecipa inevitavelmente. (GARCIA, 2007. p. 179).

Trata-se de um narrador em primeira pessoa que conta os acontecimentos do dia do Massacre, 2 de outubro de 1992, mas que começa a narrativa no dia anterior, 1 de outubro. O detento narra o desenrolar do massacre desde o dia anterior e termina a letra do rap no dia seguinte, como um sobrevivente da carnificina.

São Paulo, dia primeiro de outubro de 1992, oito horas da manhã
Aqui estou, mais um dia.
Sob o olhar sanguinário do vigia.
Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK.
Metralhadora Alemã ou de Israel. Estraçalha ladrão que nem papel.
(MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do
Racionais MC 's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 0.23s.)

O local, data e horário do que se antecede a um dos dias considerado presente à falência no sistema carcerário paulistano. Ao decorrer da canção, vemos a perspectiva receosa do detendo, os carcereiros armados, qualquer movimento fora da linha “estraçalha ladrão que nem papel”, como um objeto fácil de ser sanado.



A canção é longa, 7 minutos e 31 segundos, e não há a repetição de um único verso. É possível dividir a música em duas partes. A que narra o dia 1 de outubro, que dura aproximadamente 5 minutos, e que busca contar um dia na vida de um preso no Carandiru.

Na muralha, em pé, mais um cidadão José. Servindo o Estado, um PM bom. Passa fome, metido a Charles Bronson. Ele sabe o que eu desejo. Sabe o que eu penso. O dia “tá” chuvoso. O clima “tá” tenso.
(MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC 's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 0.39s.)

A Muralha é considerada uma estrutura essencialmente defensiva, tem como objetivo impedir o acesso a determinada área ou edificação, assim é na Casa de Detenção, as Muralhas enormes e cercadas de servidores do Estado como destacado na canção, a relação de poder e autoridade na visão do detento, é relacionada a Charles Bronson considerado um justiceiro americano que trouxe em seus filmes o ato de fazer justiça com as próprias mãos, como ocorreu em 2 de outubro de 1992. Destaque aos dias chuvosos de São Paulo e ao clima tenso no cárcere.

Vários tentaram fugir, eu também quero. Mas de um a cem, a minha chance é zero. Será que Deus ouviu minha oração? Será que o juiz aceitou a apelação?
Mando um recado lá pro meu irmão: Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão. Ele ainda tá com aquela mina. Pode crer, moleque é gente fina. Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá.... Tanto faz, os dias são iguais.
(MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC 's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 1m 08s.)

É notório que ninguém quer ficar preso, a vontade de fugir ou até mesmo ter um apelo do juiz é visível. Diante da situação o detento da canção tem fé, se apega nas orações, não gosta de drogas e se solidariza com um irmão do cárcere. “Os dias são iguais” é perceptível a rotina dos detentos, eles até se perdem no tempo, muitas celas não têm relógio ou rádio, sem contato com as notícias do mundo exterior.

Acendo um cigarro, vejo o dia passar. Mato o tempo pra ele não me matar. Homem é homem, mulher é mulher. Estuprador é diferente, né? Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés, e sangra até morrer na rua



10. Cada detento uma mãe, uma crença. Cada crime, uma sentença. Cada sentença um motivo, uma história de lágrima, sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo. Misture bem essa química. Pronto: eis um novo detento. Lamentos no corredor, na cela, no pátio. Ao redor do campo, em todos os cantos. Mas eu conheço o sistema, meu irmão, aqui não tem santo. Rátatátá... Preciso evitar, que um safado faça minha mãe chorar. Minha palavra de honra me protege pra viver no país das calças bege. Tic, tac, ainda é 9h40. O relógio da cadeia anda em câmera lenta. (MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 2m 14s.)

O tratamento dos detentos no sistema carcerário não permite o estuprador mencionado acima como um preso comum, assim que chega na Detenção o critério é rígido, é perguntado qual delito foi cometido, o artigo 213, estupro, normalmente era encaminhado ao pavilhão cinco; reincidentes (VARELLA, 1999. p. 23). Outro ponto é a Rua 10, considerada uma viela dentro da Casa, um trecho que passa da galeria oposta à gaiola da entrada, longe da visão dos guardas, ali era considerado o lugar para “acerto de contas”.

O narrador perpassa a individualidade, “uma mãe”, “uma crença”, “uma sentença”, “um motivo”, cada um ali tem seus motivos, anseios e a necessidade que o fez estar na situação que o encontrava. O olhar muda, “uma história de lágrima, sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo”. Os adjetivos mencionados na perspectiva do narrador é o que faz a necessidade do crime, “misture bem essa química. Pronto: eis um novo detento”.

O tempo, em 2 minutos e 14 segundos, o narrador perpassa por vários embates, e ainda é “9h40”.

Ratata'tá, mais um metrô vai passar. Com gente de bem, apressada, católica. Lendo o jornal, satisfeita, hipócrita. Com raiva por dentro, a caminho do Centro. Olhando pra cá, curiosos, é lógico. Não, não é não, não é o zoológico. Minha vida não tem tanto valor. Quanto seu celular, seu computador.

Hoje, tá difícil, não saiu o sol. Hoje não tem visita, não tem futebol. Alguns companheiros têm a mente mais fraca. Não suportam o tédio, arruma quiaca. Graças a Deus e à Virgem Maria. Faltam só um ano, três meses e uns dias. Tem uma cela lá em cima fechada. Desde Terça-feira ninguém abre pra nada. Só o cheiro de morte e Pinho Sol. Um preso se enforcou com o lençol. Qual que foi? Quem sabe? Não conta. Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta. Nada deixa um homem mais doente. Que o abandono dos parentes. Aí moleque, me diz então, cê qué o quê? A vaga 'tá lá esperando você. Pega todos seus artigos importados. Seu



currículo no crime e limpa o rabo. A vida bandida é sem futuro. Sua cara fica branca desse lado do muro. (MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 3m 53s.)

A Estação Carandiru é uma das estações da Linha 1–Azul do Metrô de São Paulo. Foi inaugurada no dia 26 de setembro de 1975, perpassa pela Casa de Detenção de São Paulo, milhões de pessoas passam por lá, se deparando com o cárcere, a comparação feita com o zoológico como se fossem bichos presos enjaulados.

Mais uma vez a rotina é pautada na canção, as brigas “quiaca”, os castigos que influencia na visita ou em algum benefício como o futebol, as mortes sem justificativas, o “abandono dos parentes”, nem toda família tem condições de se locomover para visita, geralmente são de sábado ou domingo. Nessas visitas, além de poder levar o “jumbo”, comidas, material de higiene, a família pode ter o contado, a mãe abraçar o filho, a mulher levar seus filhos para verem o pai, entre tantas histórias existentes. Nessa perspectiva, o narrador experiente questiona o jovem com quem conversa, “aí moleque, me diz então, cê qué o quê? A vaga tá lá esperando você.”, a sorte está lançada, opções na mesa, “Pega todos seus artigos importados. Seu currículo no crime e limpa o rabo. A vida bandida é sem futuro”, artigos importados, provavelmente frutos de um crime, não há futuro nessa vida que levava, demonstrando sua própria experiência.

Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do inferno com moral
Um dia no Carandiru, não, ele é só mais um
Comendo rango azedo com pneumonia. (MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 4m 03s.)

O narrador questiona sobre Lúcifer, como uma autoridade, destacada com moral, mas no Carandiru é diferente, lá o tratamento é outro, lá ele é “só mais um”.

Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros, Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Ângela, Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis, Ladrão sangue bom tem moral na quebrada, mas pro Estado é só um número, mais nada.
Nove pavilhões, sete mil homens. Que custam trezentos reais por mês, cada. Na última visita, o neguinho veio aí. Trouxe umas frutas,



Marlboro, Free. Ligou que um pilantra lá da área voltou. Com Kadett vermelho, placa de Salvador. Pagando de gato, ele xinga, ele abusa Com uma nove milímetros embaixo da blusa. Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que 'tá?. Lembra desse cururu que tentou me matar? Aquele puta ganso, pilantra corno manso. Ficava muito doido e deixava a mina só. A mina era virgem e ainda era menor. Agora faz chupeta em troca de pó. Esses papos me incomoda. Se eu 'tô na rua é foda. É, o mundo roda, ele pode vir pra cá. Não, já, já, meu processo 'tá aí. Eu quero mudar, eu quero sair. Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum. E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um.
(MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 5m 15s.)

O detento que tem “moral na quebrada”, mas para o Estado é apenas uma estatística. O diálogo é iniciado, a ideia de “mudar”, “sair”, o narrador repensa, no envolvimento em alguma briga, o Art. 121⁶ prevê que se matar alguém: Pena – reclusão, de seis a vinte anos.

Na segunda parte da canção, que começa no dia 2 de outubro, é narrado o Massacre, e que termina no dia seguinte, 3 de outubro. A primeira parte, apesar de, a princípio, abordar apenas um dia na vida de um preso, funciona como uma espécie de retrato do cotidiano na Casa, afinal, como diz a canção, lá “os dias são iguais”. Já no início da música, entretanto, é possível vislumbrar o tema do Massacre, que será narrado no final.

Amanheceu com sol, dois de outubro. Tudo funcionando, limpeza, jumbo. De madrugada eu senti um calafrio. Não era do vento, não era do frio. Acertos de conta tem quase todo dia. Tem outra logo mais, eu sabia. Lealdade é o que todo preso tenta. Conseguir a paz, de forma violenta. Se um salafrário sacanear alguém. Leva ponto na cara igual Frankenstein.
(MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC 's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 5m 43s.)

Abre-se o fatídico dia, aparentemente tudo funcionando, o narrador presume algo estranho.

Fumaça na janela, tem fogo na cela. Fudeu, foi além, se pão, tem refém. Na maioria, se deixou envolver. Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder. Dois ladrões considerados passaram a discutir. Mas não

⁶ DIÁRIO DO SENADO FEDERAL 35496 Terça-feira 30 de agosto de 2011. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/diarios/BuscaPaginasDiario?codDiario=5171&seqPaginaInicial=110&seqPaginaFinal=110#:~:text=Homic%C3%ADdio%20simples-Art%20121.,de%20seis%20a%20vinte%20anos.&text=%C2%A7%201%C2%BA%20Se%20o%20agente,um%20sexto%20a%20um%20ter%C3%A7o.>



imaginavam o que estaria por vir. Traficantes, homicidas, estelionatários. Uma maioria de moleque primário. (MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC 's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 6m 05s.)

O Massacre do Carandiru ocorreu no dia 2 de outubro de 1992, quando 300 policiais militares, muitos deles armados com metralhadoras, entraram no pavilhão 9 da Casa de Detenção de São Paulo e mataram 111 detentos em resposta a uma rebelião.

Agentes penitenciários, médicos, detentos e policiais que testemunharam os homicídios, há variadas descrições dos acontecimentos, uma briga por espaço na fila da lavanderia, um jogo de futebol ou dívidas não pagas na “Rua Dez”, um dos infames corredores da prisão onde os detentos se encontravam para acertar as contas fora das vistas dos guardas, não há um motivo certo para a rebelião ter começado. Nenhum policial foi morto. O fato é que os policiais não tenham utilizado munição não letal também indica que não houve negociação, mas um massacre. (PEKONY, KULLEN, JARDIM, 2014, p.199.). Executados pelas costas, agachados ou deitados no chão. Marcas de bala nas paredes da cela revelam que mesmo aqueles que se recolheram foram executados. (PEKONY, KULLEN, JARDIM, 2014, p.200.).

Era a brecha que o sistema queria. Avise o IML, chegou o grande dia. Depende do sim ou não de um só homem. Que prefere ser neutro pelo telefone. Ratatatá, caviar e champanhe. Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe! (MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC 's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 6m 22s.)

O narrador descreve a oportunidade “que o Sistema queria”, avisar o Instituto Médico Legal que haveria muitas mortes, que estavam na “mão” de um só homem, poderia ter sido evitado? Qual outra intervenção poderia ter sido feita? Haveria alguma alternativa?

O governo de Luiz Antônio Fleury (1991-1994) representou um vigoroso retrocesso na área da segurança pública e na promoção do respeito aos direitos humanos nas instituições policiais e prisionais. A arbitrariedade e a violência na atuação dos policiais civis e militares, respectivamente, provocaram um elevado número de mortes de presos, contaram com a conivência das autoridades responsáveis pelos quadros subalternos e ainda foram casos em torno dos quais as respectivas corporações moveram



todos os recursos disponíveis para obstruir as investigações. A intervenção da polícia foi autorizada pelo então secretário de Segurança Pública de São Paulo, Pedro Franco de Campos, que deixaria o governo menos de um mês depois. No entanto, ele negou ter consultado o governador Luiz Antônio Fleury Filho sobre a ação. Fleury, anos depois, afirmou que não deu a ordem, mas se estivesse em seu gabinete teria autorizado a invasão.⁷

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo. Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio. O ser humano é descartável no Brasil. Como modess usado ou Bombril. Cadeia? Claro que o sistema não quis. Esconde o que a novela não diz.
Ratatatá! Sangue jorra como água. Do ouvido, da boca e nariz.
(MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC 's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 6m 44s.)

O narrador contextualiza como foi essa invasão, os cães, o gás, a polícia que se matar mais ganhará medalha.

O Senhor é meu pastor. Perdoe o que seu filho fez. Morreu de bruços no salmo 23. Sem padre, sem repórter. Sem arma, sem socorro. Vai pegar HIV na boca do cachorro. Cadáveres no poço, no pátio interno. Adolf Hitler sorri no inferno!
O Robocop do governo é frio, não sente pena. Só ódio e ri como a hiena. Ratatatá, Fleury e sua gangue. Vão nadar numa piscina de sangue. Mas quem vai acreditar no meu depoimento? Dia 3 de Outubro, diário de um detento.
(MANO BROWN/JOSEMIR PRADO. Diário de um Detento, do Racionais MC's, Gravadora Cosa Nostra em dezembro de 1997. 7m 31s.)

O detento se apega na fé, o Salmo 23⁸. Sem testemunhas, sem o “padre” para pedir perdão, sem “repórter” para relatar o acontecido. Sem “arma” para se defender, sem

⁷ "Não dei a ordem de entrada da PM no Carandiru, mas teria dado", diz Fleury em júri. **Janaina Garcia Do UOL, em São Paulo.** 30/07/2013 12h04. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/30/nao-dei-a-ordem-de-entrada-da-pm-no-carandiru-mas-teria-dado-diz-fleury-em-juri-de-policiais.htm>

⁸ O senhor é o meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigerera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias. Salmos 23:1-6. Bíblia Online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/23>

“socorro”. O narrador faz uma alusão a Adolf Hitler, líder nazista responsável por extermínio dos Judeus.

“Fleury e sua gangue”, outra peça de destaque é Ubiratan Guimarães, conhecido como Coronel Ubiratan (São Paulo, 19 de abril de 1943 – São Paulo, 9 de setembro de 2006) foi um oficial da Polícia Militar do Estado de São Paulo e político brasileiro, notório por ter conduzido a invasão da Polícia Militar de São Paulo na Casa de Detenção, no episódio que ficou conhecido como Massacre do Carandiru. Anos depois, foi condenado a 632 anos de prisão em 2001⁹, escapando da pena ao ser eleito deputado estadual em São Paulo, antes de ganhar a apelação contra a condenação em 2006. Sete meses depois, foi morto a tiros em circunstâncias ainda não esclarecidas.

Por fim, encerra-se o diário: "Mas quem vai acreditar no meu depoimento? Dia 3 de outubro, diário de um detento."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo exposto torna-se perceptível refletir, conhecer e estudar a memória carcerária, as discussões públicas através de movimentos sociais, como a canção Diário de um Detento. A Casa de Detenção de São Paulo virou, aos olhos da opinião pública e da sociedade civil o maior símbolo da falência do sistema penitenciário brasileiro, que ganhou uma dimensão mais ampla no Carandiru, enfrentando problemas estruturais, superlotação das celas, a insalubridade e proliferação de doenças.

A memória nos possibilita a preservação daquilo que é muitas vezes, produção do esquecimento, os vestígios deixados pela prisão, apagados, preservados, transmitido, espetacularizados, apreendidos, recriados em espaços culturais, pensando o papel desses lugares como constitutivos da memória pública prisional (BORGES, 2018, p.04). Desta maneira, pretendeu-se estudar as discussões que acercam a memória carcerária, os vestígios deixados pela prisão, as condições de encarceramento e a violência do Estado.

⁹ TJ-SP agora diz que apenas reconheceu absolvição de Ubiratan. 22 de fevereiro de 2006, 18h07.
Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2006-fev-22/tj-sp-apanas-reconheceu-absolvicao-coronel>



Assim, o Massacre do Carandiru ocorreu no dia 2 de outubro de 1992, quando 300 policiais militares, muitos deles armados com metralhadoras, entraram no pavilhão 9 da Casa de Detenção de São Paulo e mataram 111 detentos em resposta a uma rebelião.

Agentes penitenciários, médicos, detentos e policiais que testemunharam os homicídios, há variadas descrições dos acontecimentos, uma briga por espaço na fila da lavanderia, um jogo de futebol ou dívidas não pagas na “Rua Dez”. Nenhum policial foi morto. O fato é que os policiais não tenham utilizado munição não letal também indica que não houve negociação, mas um massacre. (PEKONY, KULLEN, JARDIM, 2014, p.199.). Executados pelas costas, agachados ou deitados no chão. Marcas de bala nas paredes da cela revelam que mesmo aqueles que se recolheram foram executados. (PEKONY, KULLEN, JARDIM, 2014, p.200.).

Por esse ângulo, a canção Diário de um Detento, do Racionais MC 's, faz parte do disco Sobrevivendo no inferno, de 1997. Foi uma das primeiras produções, não apenas como no campo artístico e literário, mais geral, que abordou o Massacre do Carandiru. E isso aconteceu aproximadamente cinco anos após o ocorrido. A partir do episódio de violência são criadas produções literárias com teor testemunhal que buscam contar a realidade por vezes silenciada do que aconteceu, colocando-se como uma forma de resistência. A canção foi constituída na forma de um diário, baseada em relatos de detentos que estiveram presentes no episódio ocorrido, relata três dias na vida de um preso. Para Walter Garcia da Silveira Júnior, abre-se o diário na véspera do fato histórico. Por que não no próprio dia? Se fosse um filme, não teríamos dúvida: seriam contados os eventos que levaram à catástrofe e cada cena a antecipa inevitavelmente. (GARCIA, 2007. p. 179). Trata-se de um narrador em primeira pessoa que conta os acontecimentos do dia do Massacre, 2 de outubro de 1992, mas que começa a narrativa no dia anterior, 1 de outubro. O detento narra o desenrolar do massacre desde o dia anterior e termina a letra do rap no dia seguinte, como um sobrevivente da carnificina. Na segunda parte da canção, que começa no dia 2 de outubro, é narrado o Massacre, e que termina no dia seguinte, 3 de outubro. A primeira parte, apesar de, a princípio, abordar apenas um dia na vida de um preso, funciona como uma espécie de retrato do cotidiano na Casa.

Por fim, a contribuição a partir de um episódio histórico de violência que são criadas por produções literárias com teor testemunhal, buscam contar a realidade por

29
NOV A
01
DEZ

EVENTO PRESENCIAL

Minicursos, conferências, palestras,
mesas-redondas, encontros e
apresentações orais

vezes silenciada do que aconteceu, colocando-se como uma forma de resistência. O respeito mútuo da amizade de Josemir e Mano Brown, líder grupo de rap Racionais MC 's, que transformou alguns versos de Jocenir na música Diário de um detento e naquele momento escrevia um capítulo memorável na história do rap nacional.



AGRADECIMENTOS

À Deus.

À minha mãe Juliana Hunzicker Amaral, por todo amor, companheirismo, apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações; sou grata por sempre me incentivar e acreditar.

À minha avó Ana Cristina Oliveira Hunzicher Amaral, por todo amor, carinho, cuidado, ao se preocupar cada noite se eu voltaria bem para a casa, se eu estaria me alimentando bem. Nos dias que a ansiedade me consumia, sempre esteve cuidando de mim.

À minha tia Kassiane Hunzicker Amaral, por todo apoio.

Ao professor Roger Marcelo Martins Gomes, por todo aprendizado, desde a sala de aula até as conversas acompanhadas de um cafezinho. Por me apresentar ao nosso Núcleo de Pesquisa em História (NUPHIS), lá tive contato com periódicos, livros, moedas, acervos incríveis que transformaram a minha perspectiva cuidar, preservar e conservar. Toda ajuda, desde que entrei em 2018, até o acidente que fez com que eu ficasse um ano sem poder ir para a faculdade, sempre lembrarei do dia em que o senhor me carregou na cadeira de rodas, nem que eu quisesse desistir, o senhor não deixaria. Cada conselho, momentos que ficaram na minha memória para sempre.

Aos professores Fábio Paride Pallotta, Angélica Pall Oriani, Flávia Santos Arielo, Viviane Rodrigues, Juliana Vechetti Mantovani Cavalcante, Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa, por todo aprendizado, carinho e amizade construídas nessa caminhada.



29 A 01
NOV DEZ

EVENTO PRESENCIAL

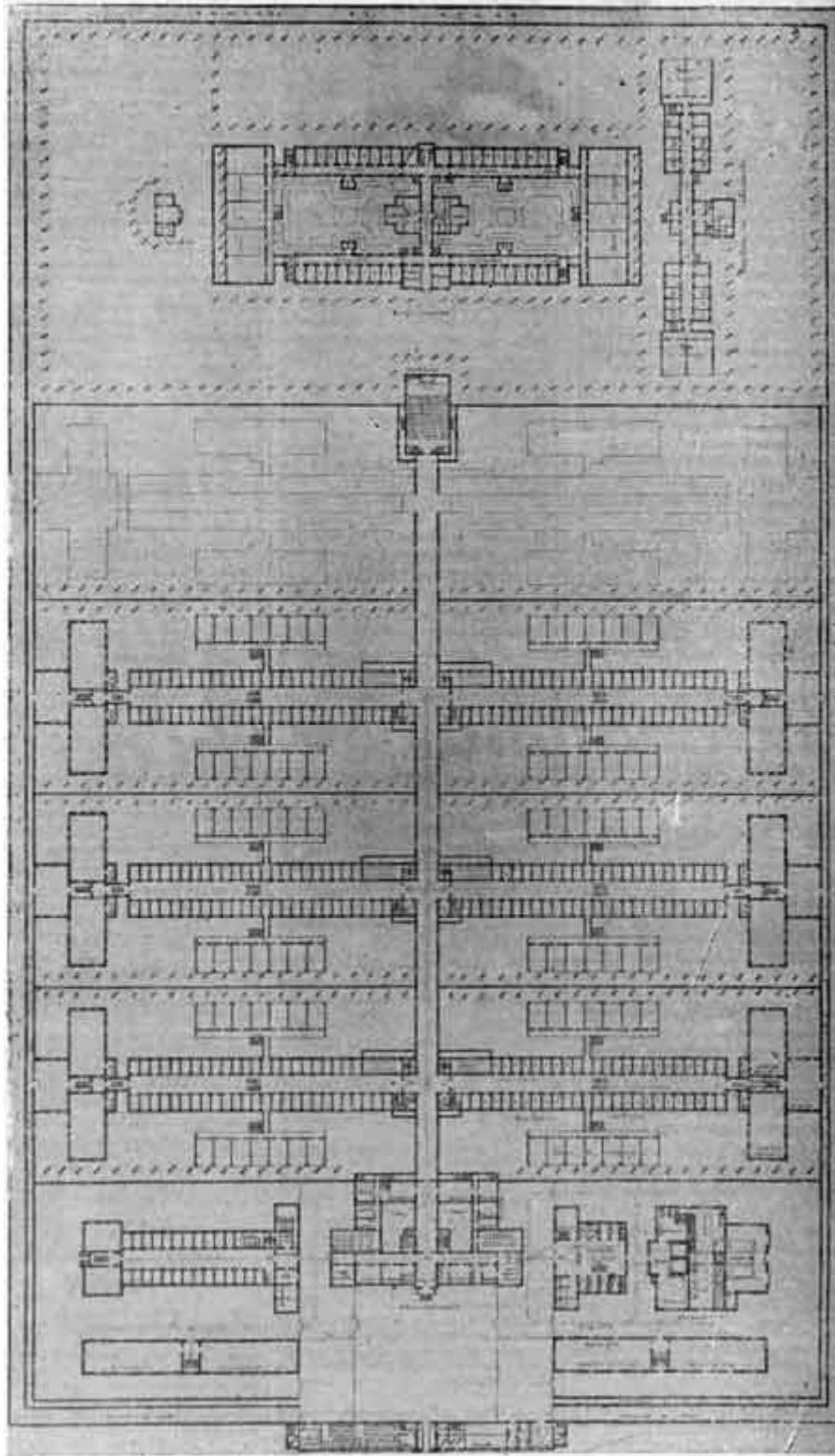
Minicursos, conferências, palestras,
mesas-redondas, encontros e
apresentações orais



ANEXO 2 – PLANTA DO CARANDIRU DATADA DE 1911.



A Nova Penitenciária





Fonte: São Paulo in foco. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/historia-carandiru/>

FONTE

Diário de um Detento, Racionais MC's, faz parte do disco **Sobrevivendo no inferno**, de 1997.

REFERÊNCIAS

A Casa de Detenção de São Paulo: A História do Carandiru. Texto publicado originalmente em 18 de setembro de 2013 e atualizado 30 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/historia-carandiru/>

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História. Os paradigmas revolucionários**. Vol. III. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

BORGES, Viviane Trindade. **Memória pública e patrimônio prisional: questões do tempo presente**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 310 - 332, jan./mar. 2018.

Desta acepção de xadrez se chegou, por metonímia, à prisão ou cela da prisão. Não é por acaso que se diz de um preso que vê o sol aos quadradinhos. A origem do uso de xadrez como sinônimo de prisão. CiberDúvidas da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-do-uso-de-xadrez-como-sinonimo-de-prisao/24910>

Diário Oficial do Estado de São Paulo, 7 de dezembro de 1938. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo: <https://www.al.sp.gov.br/norma/125117>

DIÁRIO DO SENADO FEDERAL 35496 Terça-feira 30 de agosto de 2011. Disponível em: https://legis.senado.leg.br/diarios/BuscaPaginasDiario?codDiario=5171&seqPaginaInicial=110&seqPaginaFinal=110#:~:text=Homic%C3%ADdio%20simples-._Art%202121..de%20seis%20a%20vinte%20anos.&text=%C2%A7%201%C2%BA%20Se%20o%20agente,um%20sexto%20a%20um%20ter%C3%A7o.

Diário de um Detento, Racionais MC's, faz parte do disco **Sobrevivendo no inferno**, de 1997.

GARCIA, Walter. **“Diário de um detento”: uma interpretação**. In: NESTROVSKI, A. (org). Lendo música. São Paulo: Publifolha, 2007. p. 179-216.

JOCENIR. Diário de um detento: o livro/ Jocenir – 3º ed. Produtora de livros Edição Por Demanda. São Paulo, 2016.



"Não dei a ordem de entrada da PM no Carandiru, mas teria dado", diz Fleury em júri. **Janaina Garcia Do UOL**, em São Paulo. 30/07/2013 12h04. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/30/nao-dei-a-ordem-de-entrada-da-pm-no-carandiru-mas-teria-dado-diz-fleury-em-juri-de-policiais.htm>

Para saber mais: Biografia de Racionais MC's. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/racionais_mc_s/biografia/

PEKNY, A. KULLER, L. JARDIM, L. **Reflexões sobre a Justiça e o Estado Democrático de Direito a partir do Julgamento do Carandiru**. Rev. bras. segur. pública | São Paulo v. 8, n. 1, 198-212 Fev/Mar 2014.

PITANGA, E. **A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO GENOCÍDIO NEGRO NO CÁRCERE: ANÁLISE SOBRE O MASSACRE DO CARANDIRU SOB A ÓTICA DA SELETIVIDADE DO SISTEMA PENAL BRASILEIRO** Revista Direito no Cinema. V.1, n1. (2019).

Salmos 23:1-6. Bíblia Online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/23>

TJ-SP agora diz que apenas reconheceu absolvição de Ubiratan. 22 de fevereiro de 2006, 18h07. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2006-fev-22/tj-sp-apenas-reconheceu-absolvicao-coronel>

VARELLA, Drauzio Varella. Estação Carandiru. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.